



Co-funded by
the European Union



Stories 4 empowerment

2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380

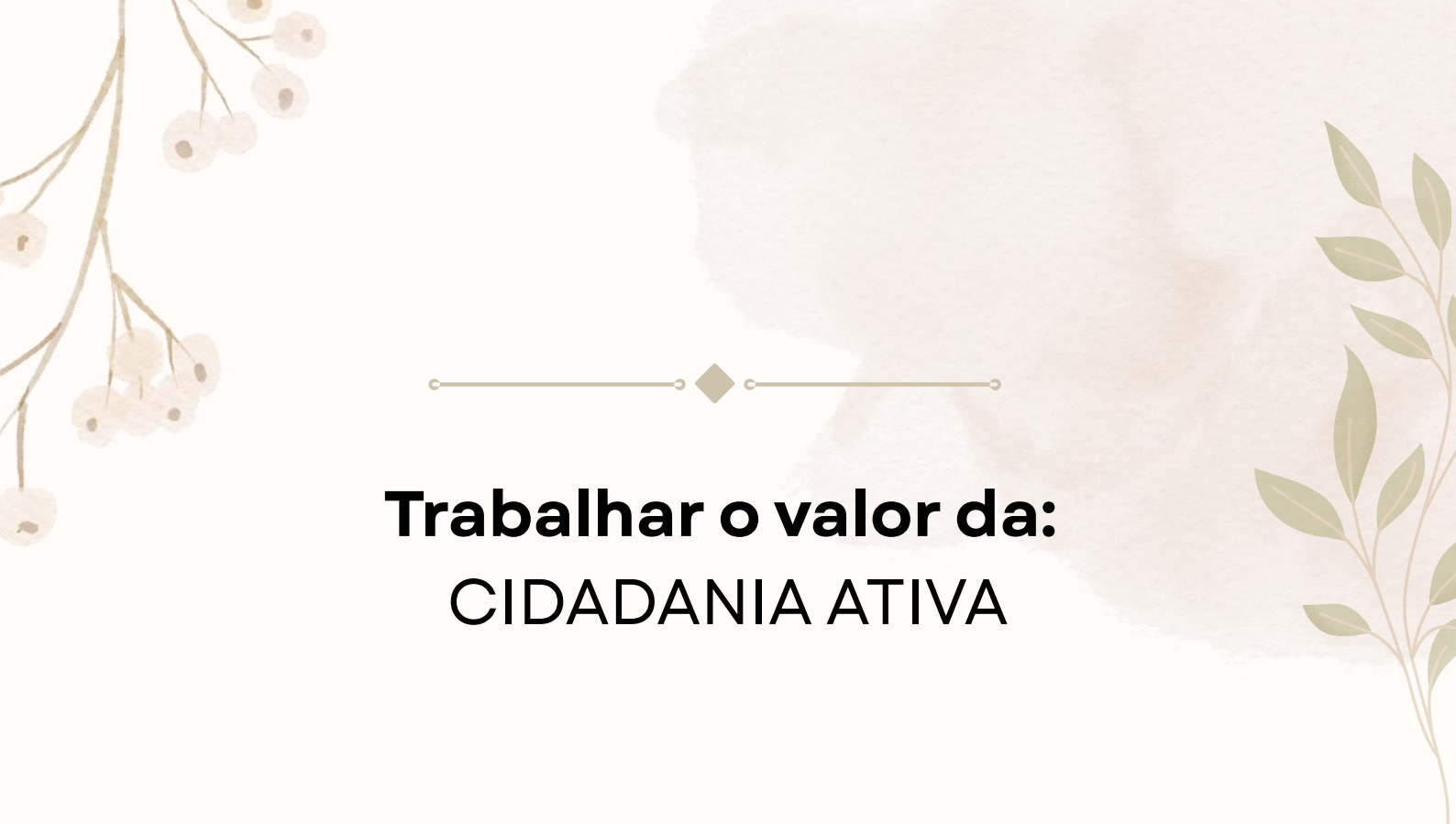
**Trabalhar o valor:
CIDADANIA ATIVA**



ÍNDICE

Trabalhar o valor da: Cidadania ativa.....	04
“A roupa nova do imperador”.....	05
Trabalhar o valor da: Cidadania ativa.....	08
“A Bela e o Monstro”.....	09
Trabalhando o valor: Cidadania ativa.....	11
“Teto de 30% para estrangeiros e amor...”.....	13
Trabalhar o valor da: Cidadania ativa.....	15
“Um amigo”.....	16
Trabalhar o valor da: Cidadania ativa.....	19
“Os Músicos da Cidade de Bremen”.....	20
Trabalhar no valor da: Cidadania ativa.....	22

“Pedro e o Lobo” (Versão Portuguesa).....	23
Trabalhar o valor da: Cidadania ativa.....	25
“A Menina do Mar”.....	26



Trabalhar o valor da: CIDADANIA ATIVA

A história ajuda a refletir e a debater o tema da cidadania ativa, uma vez que as personagens optam por colaborar com o poder para não correrem o risco de sofrerem repercussões pessoais, mesmo que isso signifique apoiar uma mentira contra o interesse público. O que é que um cidadão pode fazer para o bem da sua cidade? No caso da história, é revelar a mentira por detrás da roupa nova do imperador. Ao optarem por não apoiar a mentira, os protagonistas da história colocam o bem da sua cidade e do seu governante antes de arriscarem as suas posições.

“A roupa nova do imperador”

Era uma vez um imperador que gostava tanto de moda que gastava todo o seu dinheiro só para se vestir com elegância. Não se preocupava com os seus soldados nem com o teatro, a não ser para exibir as suas roupas novas: tinha um fato para cada hora do dia. Na grande cidade que era a capital do seu reino, todos os dias chegavam forasteiros, e uma vez chegaram também dois vigaristas: disseram que eram dois tecelões e que sabiam tecer o tecido mais incrível que alguma vez se viu. Não só os desenhos e as cores das roupas eram maravilhosos, como as roupas feitas com esse tecido tinham um poder curioso: tornavam-se invisíveis aos olhos dos homens que eram muito estúpidos. Essas roupas seriam maravilhosas”, pensou o imperador. Com elas vestidas, eu poderia reconhecer os tolos que trabalham no meu império, e poderia distinguir os estúpidos dos espertos! Tenho de ter esse tecido imediatamente! E pagou aos dois vigaristas, para que comesçassem a trabalhar. Os dois montaram dois teares e fingiram que iam começar a trabalhar. Pediram a seda mais fina e o ouro mais brilhante, meteram-nos nos sacos e continuaram assim, com os teares vazios, até altas horas da noite. O imperador estava impaciente por ver como o trabalho estava a progredir e pensou: “Vou enviar aos tecelões o meu velho ministro de confiança. Ninguém pode ver melhor do que ele o aspeto do tecido, porque é inteligente e ninguém está mais à altura da tarefa”.

Assim, o velho ministro de confiança foi à sala onde os dois tecelões estavam a tecer nos teares vazios. Meu Deus!”, pensou, abrindo bem os olhos, “não vejo absolutamente nada! Mas não disse isto em voz alta.

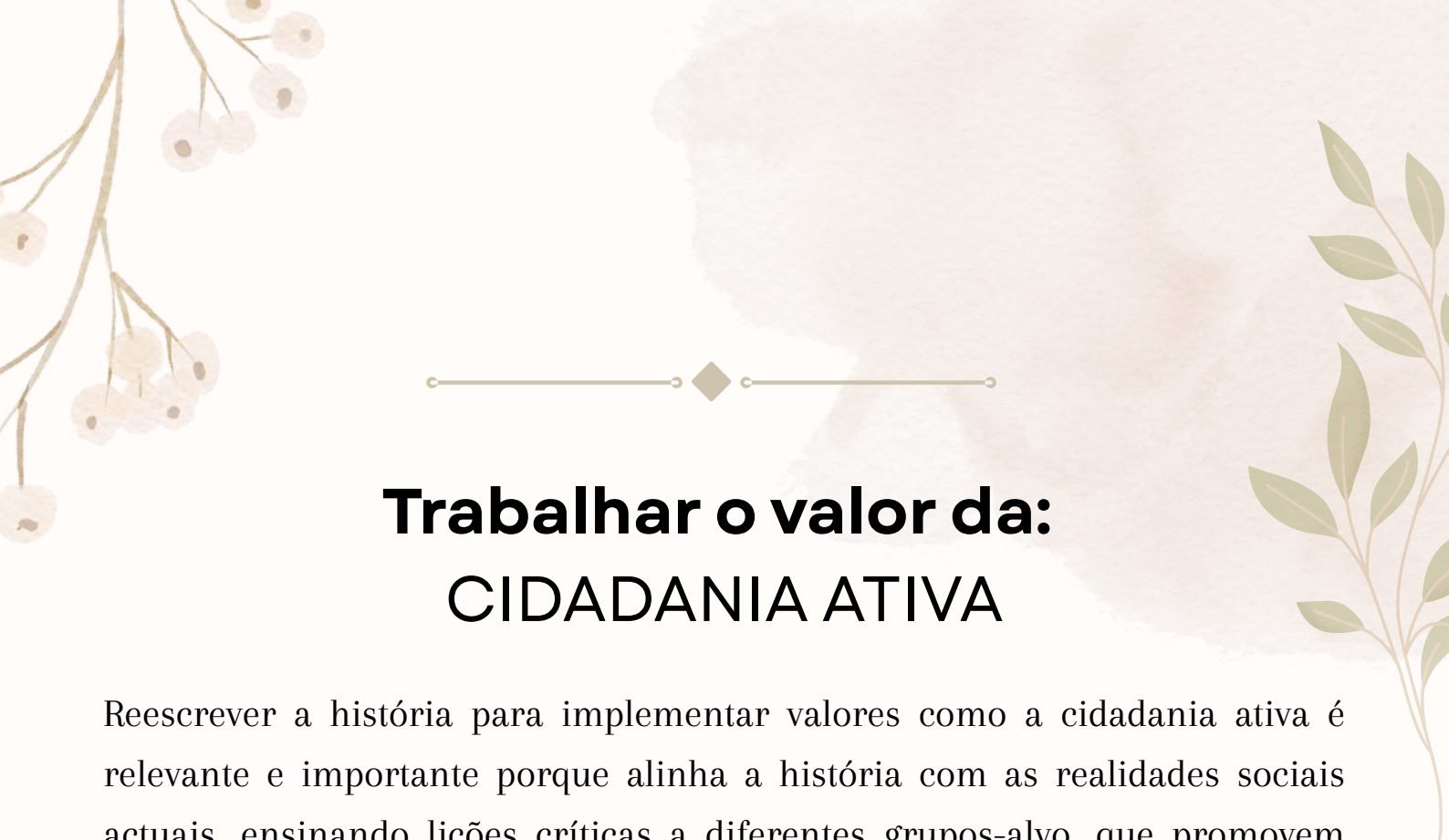


Os dois tecelões pediram-lhe que se aproximasse e perguntaram-lhe se o desenho e as cores eram do seu agrado, apontando sempre para o tear vazio: o pobre ministro olhava muito nos olhos, mas sem conseguir ver nada, também porque não havia nada. Meu Deus”, pensou entretanto, ”mas então sou um parvo? Nunca teria dito isto! Mas é melhor que mais ninguém saiba! Ou será que não sou digno do meu cargo de ministro? Não, em todo o caso não posso deixar que se saiba que não consigo ver o tecido!” ”Então, o que dizem? 'Lindo, lindo!', disse o velho ministro. 'Que padrões! Que cores! Gosto muito deles e vou dizê-lo ao imperador”. Os dois vigaristas pediram mais dinheiro, seda e ouro, que iriam precisar para tecer. Mais uma vez, meteram tudo no saco e continuaram a tecer no tear vazio. Passado algum tempo, o imperador enviou outro funcionário para ver como estava a correr o trabalho. Mas aconteceu-lhe o mesmo que ao antigo ministro: ficou a olhar, a olhar, mas como só havia teares vazios, não conseguia ver nada. Olha para o tecido, não é magnífico?”, disseram os dois vigaristas, e entretanto explicaram-lhe o maravilhoso desenho que não existia de todo. Não sou parvo!”, pensou o talentoso funcionário. Talvez eu não esteja à altura do meu cargo! Que estranho! É melhor que ninguém dê por isso! E assim começou também a falar do quanto gostava daquelas cores e daqueles padrões tão bonitos. Sim, é de facto o tecido mais bonito do mundo”, disse ele ao imperador. Por fim, até o imperador quis ir vê-lo enquanto ainda estava no tear. Foi acompanhado pelos dois ministros que já tinham vindo. Não é magnífico?”, dizem os dois funcionários em coro; ”Que desenhos, majestade! Que cores!” e, entretanto, apontavam para o tear vazio, porque tinham a certeza de que os outros iriam ver o tecido nele. Mas o que é que se passa?”, pensou o Imperador, ”não consigo ver nada! É terrível! Será que sou estúpido? Ou se calhar não sou digno de ser Imperador? Isto é o pior que me pode acontecer!

Mas é lindo”, disse entretanto. Tens toda a minha admiração!” e acenou com a cabeça, satisfeito, enquanto olhava para a moldura vazia: não podia dizer que não via nada! Todos os que o acompanhavam olhavam, olhavam, mas por mais que olhassem, a substância não se alterava: no entanto, também eles repetiam as palavras do imperador: E sugeriram-lhe que vestisse um fato novo para o desfile que se aproximava.

Na noite anterior ao desfile, os vigaristas ficaram acordados toda a noite para que toda a gente pudesse ver como era difícil fazer as roupas novas do imperador. Depois, fingiram que tiravam o tecido do tear e disseram: “Aqui estão as roupas, estão prontas! Depois veio o próprio imperador, com os seus cavaleiros mais ilustres, e os dois vigaristas, levantando os braços como se quisessem segurar alguma coisa, disseram-lhe: “Aqui estão as calças, aqui está o casaco, aqui está a capa...” e assim por diante. Que tecido! É tão leve que é quase como se não tivéssemos nada vestido, mas essa é a sua vantagem! Sim”, dizem todos os cavaleiros, embora não consigam ver nada, porque não há nada para ver. E agora”, disseram os dois trapaceiros, “se Sua Majestade Imperial se dignar a despir-se, nós ajudamo-lo a vestir esta roupa nova aqui mesmo, em frente ao espelho! O imperador despiu-se e os dois vigaristas fingiram que lhe entregavam, uma a uma, todas as roupas que, segundo eles, deviam ser completadas. Assim, o imperador desfilou à frente do cortejo e as pessoas nas ruas e nas janelas só diziam: “Meu Deus, como são bonitas as roupas novas do imperador! Ficam-lhe tão bem! Ninguém queria confessar que não via nada, com medo de parecer estúpido ou incompetente.

Mas o imperador não tem nada vestido!”, disse uma criança a certa altura. Meu Deus”, disse o pai, “essa é a voz da inocência! Então toda a gente começou a sussurrar o que a criança tinha dito. Ele não tem nada com ele! Há uma criança que diz que não tem nada vestido! “Ele não tem nada vestido!” Finalmente, começaram todos a gritar. E o imperador estremeceu, pois sabia que eles tinham razão; mas entretanto pensou: “Agora tenho de conduzir este desfile até ao fim!” e por isso levantou-se ainda mais orgulhosamente, enquanto os camareiros o seguiam segurando uma cauda que não existia de todo.



Trabalhar o valor da: **CIDADANIA ATIVA**

Reescrever a história para implementar valores como a cidadania ativa é relevante e importante porque alinha a história com as realidades sociais actuais, ensinando lições críticas a diferentes grupos-alvo, que promovem um mundo mais justo, compassivo e equitativo.

A cidadania ativa incentiva os indivíduos a assumirem a responsabilidade pelas suas comunidades, fazendo a diferença através do envolvimento e da ação. Num mundo em que a participação na vida cívica é crucial, ensinar aos jovens leitores, através da história reescrita, a importância da ação colectiva e da responsabilidade social é fundamental para formar futuros líderes e cidadãos activos.

A implementação deste valor ajuda os leitores a aprender a empatia, a cooperação e o respeito pela diversidade - competências cruciais para navegar no mundo interligado de hoje. Também os capacita para participarem na criação de espaços inclusivos onde todos podem prosperar. Uma história que reflecta este valor não é apenas uma história, torna-se uma ferramenta para a mudança social e um guia para moldar um futuro em que a cidadania ativa está no centro da forma como vivemos juntos.

**Jeanne-Marie Leprince de
Beaumont**

“A Bela e o Monstro”

Era uma vez um comerciante que tinha perdido a sua enorme fortuna. Um dia, teve de viajar para longe e perguntou às suas filhas o que queriam quando regressasse. As duas filhas mais velhas pediram jóias e roupas, sem pensar na situação do pai. Mas a filha mais nova, a quem todos chamavam Bella, disse: “Pai, só peço uma coisa:

-Pai, só peço uma rosa com pétalas vermelhas.

O comerciante, no seu regresso, teve de passar por uma floresta muito densa. Era uma noite escura e ele procurava um sítio para dormir. Passado algum tempo, avistou ao longe um enorme castelo e dirigiu-se para ele. Ao aproximar-se da porta, esta abriu-se por si só e, sem ouvir resposta, o mercador entrou, dirigiu-se à sala de jantar, sentou-se à mesa e comeu a comida que lá era servida. Depois encontrou um quarto e deitou-se numa cama macia e fofa. Antes de adormecer, disse para si próprio:

“O dono desta casa e os seus criados não tardam a deixar-se ver. Espero que me perdoem a liberdade que tomei”.

No dia seguinte, ao sair do castelo, parou para admirar uma bela roseira e colheu uma das suas rosas, com a intenção de a levar para Bella.

De repente, um animal de aspeto feroz, vestindo uma fina roupa de seda, salta de um arbusto:

-“Dei-te comida e uma cama para dormires, e agora roubas-me as rosas! -rugiu.

O comerciante, envergonhado e assustado, pediu desculpa com voz trémula. A fera decidiu libertá-lo apenas se ele promettesse enviar uma das suas filhas para o castelo. O mercador concordou e correu para casa. Com o coração destroçado, contou às suas filhas o encontro com o monstro.

As duas irmãs culpam Bella pelo destino do pai:

-Isto não teria acontecido se tivesses pedido roupas ou jóias”, disseram elas.

Sentindo-se responsável, a Bella aceitou ficar com o monstro.

O animal tratou-a com muita bondade: ofereceu-lhe o maior quarto e deixou-a passear pelo seu belo jardim. À noite, Bella sentava-se junto à lareira e cosia enquanto o animal lhe fazia companhia. No início, ela tinha medo do animal, mas pouco a pouco começou a gostar dele.

O monstro, incapaz de conter os seus sentimentos, pediu a Bella para casar com ele, mas ela recusou. Ela não conseguia esquecer a sua aparência horrível. Mesmo assim, o monstro continuou a tratá-la com generosidade e muito amor.

Como a Bela tinha muitas saudades do pai, o monstro deu-lhe um espelho mágico e disse-lhe:

-Olha para o espelho e poderás ver a tua família. Nunca te sentirás só.

Um dia, a Bela olhou para o espelho e viu que o seu pai estava muito doente. Por isso, foi ter com a fera, implorando e chorando:

-Por favor, deixa-me ir para casa, só quero ver o meu pai!

O animal rugiu de raiva:

-Não! Nunca sairás deste castelo.

Dizendo isto, saiu da sala. Mas, passado algum tempo, aproximou-se da Bella e disse-lhe:

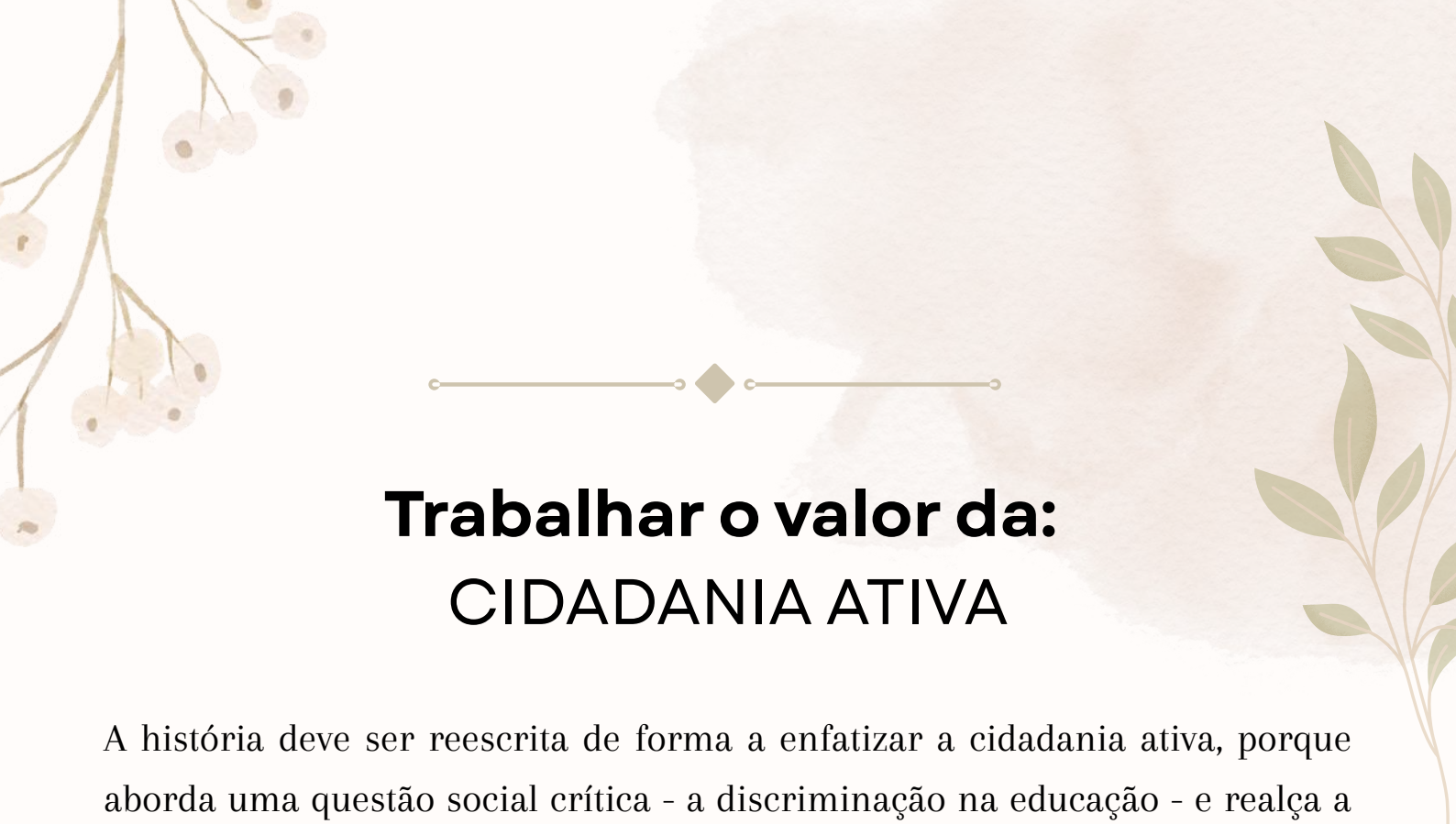
-Podes ir e ficar com o teu pai durante sete dias. Mas tens de me prometer que voltas. Bella, muito contente, concordou. Bella, muito feliz, aceitou. Foi então ficar com o seu pai, que depressa recuperou da sua presença.

Bella ficou com a família durante mais do que os sete dias, tinha-se esquecido da Fera e do seu castelo. Mas uma noite, teve um pesadelo terrível em que viu a Fera gravemente doente.

Bella regressou imediatamente ao castelo e, quando viu o Monstro fraco e doente, chorou e disse-lhe,

“Viverei contigo para sempre.” Com estas palavras, o animal transformou-se num belo príncipe e disse: “Vivi sob uma maldição toda a minha vida:

-Vivi sob uma maldição todos estes anos e só o amor verdadeiro poderia quebrar o feitiço. A Bela e a Fera casaram-se e viveram felizes para sempre.



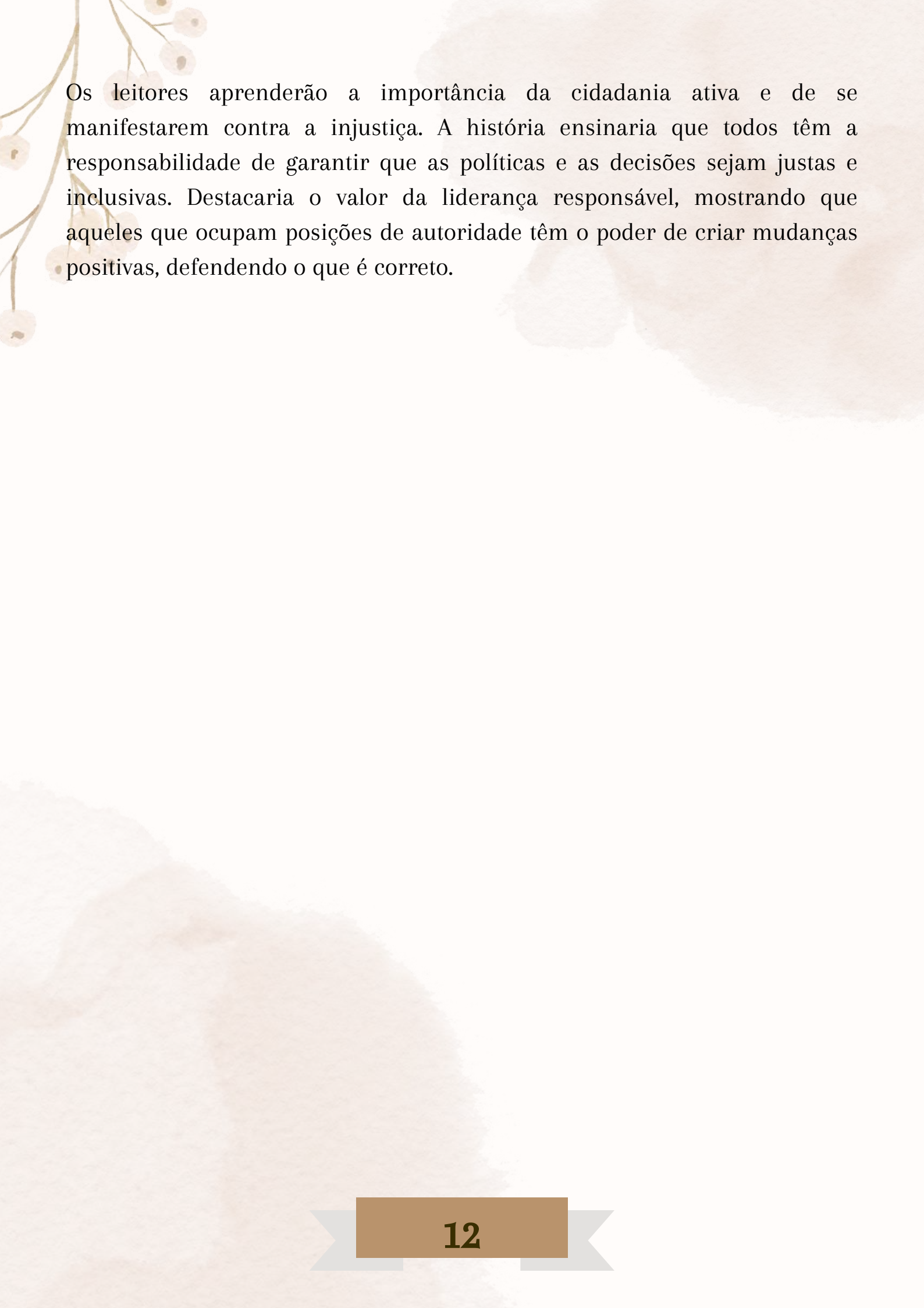
Trabalhar o valor da: **CIDADANIA ATIVA**

A história deve ser reescrita de forma a enfatizar a cidadania ativa, porque aborda uma questão social crítica - a discriminação na educação - e realça a importância de defender a justiça e a igualdade. Em situações em que as políticas ou decisões limitam ou discriminam um grupo de pessoas, como o limite máximo de 30% de estrangeiros numa sala de aula, é crucial abordar estas questões ativamente.

As principais questões importantes da história: como é que a intervenção de uma terceira pessoa, por exemplo, o professor ou o diretor, poderia mudar e influenciar a decisão do professor (apenas 30% de estrangeiros na turma)? Qual a importância de não nos mantermos passivos perante situações que envolvem os valores fundamentais da nossa Constituição?

Reescrever a história também ensinaria aos leitores que o silêncio perante a injustiça pode perpetuar o mal, enquanto a participação ativa na criação de políticas mais justas pode levar a uma mudança social positiva.

Ao defender a eliminação de práticas discriminatórias, a história reforçaria os valores fundamentais da Constituição - como a igualdade, a não discriminação e o direito à educação para todos - e inspiraria os leitores a agir quando se deparassem com questões semelhantes nas suas próprias vidas.

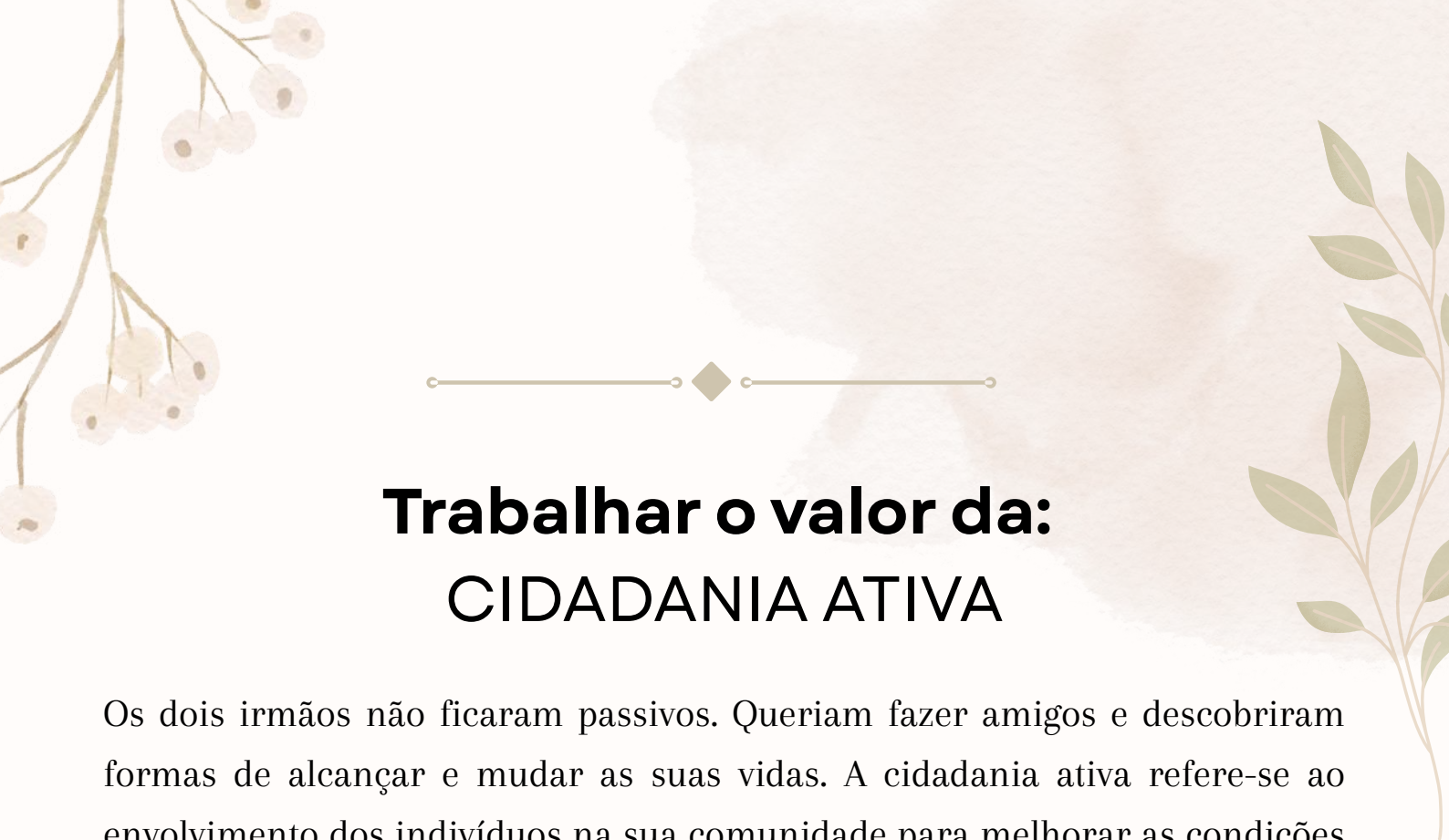


Os leitores aprenderão a importância da cidadania ativa e de se manifestarem contra a injustiça. A história ensinaria que todos têm a responsabilidade de garantir que as políticas e as decisões sejam justas e inclusivas. Destacaria o valor da liderança responsável, mostrando que aqueles que ocupam posições de autoridade têm o poder de criar mudanças positivas, defendendo o que é correto.

"Teto de 30% para estrangeiros e amor..."

Era uma vez um navio. No navio viajavam muitas pessoas. Quase todas elas não conseguiam parar de olhar com preocupação para o mar e sobretudo para o horizonte. No entanto, havia alguém entre eles que conseguia sorrir e brincar. Eram o Hassan e o Said. Os dois tinham seis anos e conheciam-se desde que nasceram. Chamavam-lhes os pombinhos e nunca essa alcunha tinha sido tão adequada. Gostavam um do outro e gostavam de brincar juntos, mais nada. Chegou o dia em que o mar acabou e puseram os pés em terra firme, em Itália. Os meses que se seguiram foram muito duros e os obstáculos que as duas crianças e os seus pais enfrentaram foram indescritíveis. No entanto, mesmo nesses momentos difíceis, Hassan e Said conseguiram encontrar uma forma de sorrir e de brincar. É a dádiva da natureza às crianças. Chama-se leveza e deve ser protegida a todo o custo. Os dois pais encontraram finalmente um lar. Não foram os únicos a encontrá-la. A fortuna, tal como o apartamento, era para ser partilhada com outros dez viajantes para toda a vida. Era assim que a avó Karima chamava aos homens que partiam para a Europa e Hassan e Said gostavam disso. Apesar do espaço reduzido da casa, as crianças não desiludem e estão quase sempre alegres. Depois chegou a altura da escola. No primeiro dia, os pais estavam muito nervosos, tal como os filhos. Ir à escola era algo de extraordinário para a sua vida na estrada. Hassan e Said aperceberam-se de que mesmo a escola, apesar de ser um lugar construído especialmente para eles, poderia não ser fácil para nenhum deles. Eram viajantes para toda a vida mas, desde que chegaram ao nosso país, aperceberam-se de que havia muitas outras maneiras de os habitantes os chamarem e nenhuma delas era tão gratificante como a primeira. No entanto, penso que está agora estabelecido o quão invencível a presença do outro era para cada um deles.

O destino, no entanto, pode ser traiçoeiro. “Lamento”, disse a professora, deixando entrar apenas Hassan, ‘só posso ter trinta por cento de estrangeiros na minha turma’. O pai de Said chamou-o, para o levar para a sala de aula, mas ele não se mexeu e ficou ali, imóvel, com a memória dos olhos assustados de Hassan fixos nos seus, enquanto a professora fechava a porta. O pai voltou a repetir o seu nome, mas nessa altura já era tarde demais. Said abriu a porta da sala de aula e correu para Hassan, que por sua vez tinha feito o mesmo, inutilmente chamado pela professora. Os dois abraçaram-se na soleira da porta, exatamente na linha que separa o interior da sala de aula do corredor. Aqui não nos podem dividir, pareciam dizer com os seus corpos apertados, aqui estamos de novo no meio entre a vossa terra e a dos nossos pais, ainda em viagem. Aqui não se aplicam as vossas leis, nem as deles. Aqui só o amor conta.



Trabalhar o valor da: CIDADANIA ATIVA

Os dois irmãos não ficaram passivos. Queriam fazer amigos e descobriram formas de alcançar e mudar as suas vidas. A cidadania ativa refere-se ao envolvimento dos indivíduos na sua comunidade para melhorar as condições sociais. Dá ênfase à participação, responsabilidade e colaboração para criar uma sociedade mais funcional através da resolução de problemas. A cidadania ativa implica que os indivíduos tomem medidas para contribuir para o bem público e influenciar os processos de tomada de decisão. A cidadania ativa reforça a democracia, promove a coesão social e aborda os desafios da sociedade. Permite que os indivíduos tenham voz ativa na formação das suas comunidades e garante a responsabilização.

“Um Amigo”

Era uma vez dois irmãos. Garifalia e Dimitris. Estes dois irmãos pareciam, à primeira vista, gémeos. Infelizmente, não tinham amigos porque toda a gente pensava que eles eram malucos por causa da sua imaginação. Tinham 8 anos e não conheço nenhum outro miúdo que não fosse tão, tão aventureiro. Bem, eles gostavam muito do espaço e um dia decidiram fazer uma viagem ousada. Pegaram no foguetão do tio, que era astronauta, e começaram por deixar uma carta aos pais. A carta dizia o seguinte

Caros pais,

Não se preocupem se não nos encontrarem. Não podemos dizer-vos agora onde estivemos, mas assim que regressarmos descreveremos tudo em pormenor. Vemo-nos daqui a alguns meses.

Com amor, os vossos filhos,

Garifalia e Dimitris

Quando os pais leram esta carta, ficaram muito tristes e ansiosos. Mas sabiam que os seus filhos iriam sobreviver graças à sua imaginação e ao seu gosto pela aventura. Como poderiam imaginar que os seus próprios filhos estavam a afastar-se da vasta (para eles) terra. Passado algum tempo, as crianças quase chegaram ao espaço. Estavam tão contentes por o tio lhes ter mostrado como funciona.

Na verdade, estavam orgulhosas por ele ter confiado nelas e tê-las deixado sozinhas a lidar com uma nave espacial! Depois de terem feito uma aterragem muito suave, ficaram surpreendidos ao verem uma pedra enorme com um buraco bastante grande. Deram um passo em frente e ficaram sem palavras perante o que viram. Criaturas púrpuras, minúsculas e cheias de graça, puseram as suas cabecinhas de fora cheias de curiosidade e um pouco de medo.

Garifália e Dimitris aproximaram-se ainda mais. Então, para sua surpresa, os seres roxos e estranhos falaram! E não era só isso, também falavam grego!

A língua das duas crianças! Então disseram-lhes:

- Vocês são muito boas crianças, nós sentimos isso!
- Muito obrigado! Eles respondem-lhes com uma só boca.

Depois, no meio do mato, vêem outro extraterrestre verde, desta vez sozinho. Vão discretamente e aproximam-se dele.

- Seu pequeno e engraçado extraterrestre! O que é que estás a fazer aqui sozinho? Vamos brincar lá fora juntos!
- Os outros extraterrestres não querem que eu brinque e fale com eles. É melhor eu ficar aqui.
- Mas porque é que eles não te querem? Tu és muito bom.
- Eu sou verde...
- E então?
- Sou diferente...
- Melhor ainda porque te vais destacar!
- Eles não vêem as coisas assim.
- Lamentamos muito. Queres ser nosso amigo?
- Dizem mesmo isso?
- Claro, nós também não temos amigos.
- Perfeito! Como é que vocês se chamam?
- Garifalia e Dimitris. E tu?
- Eu não tenho nome...
- Não faz mal. A partir de hoje, chamar-te-ás Bobbi!
- Nome perfeito, obrigado!
- Belo extraterrestre Bobbi!

Assim, com estas palavras, exploraram o planeta, tiraram fotografias e partiram para a sua casa na Terra.

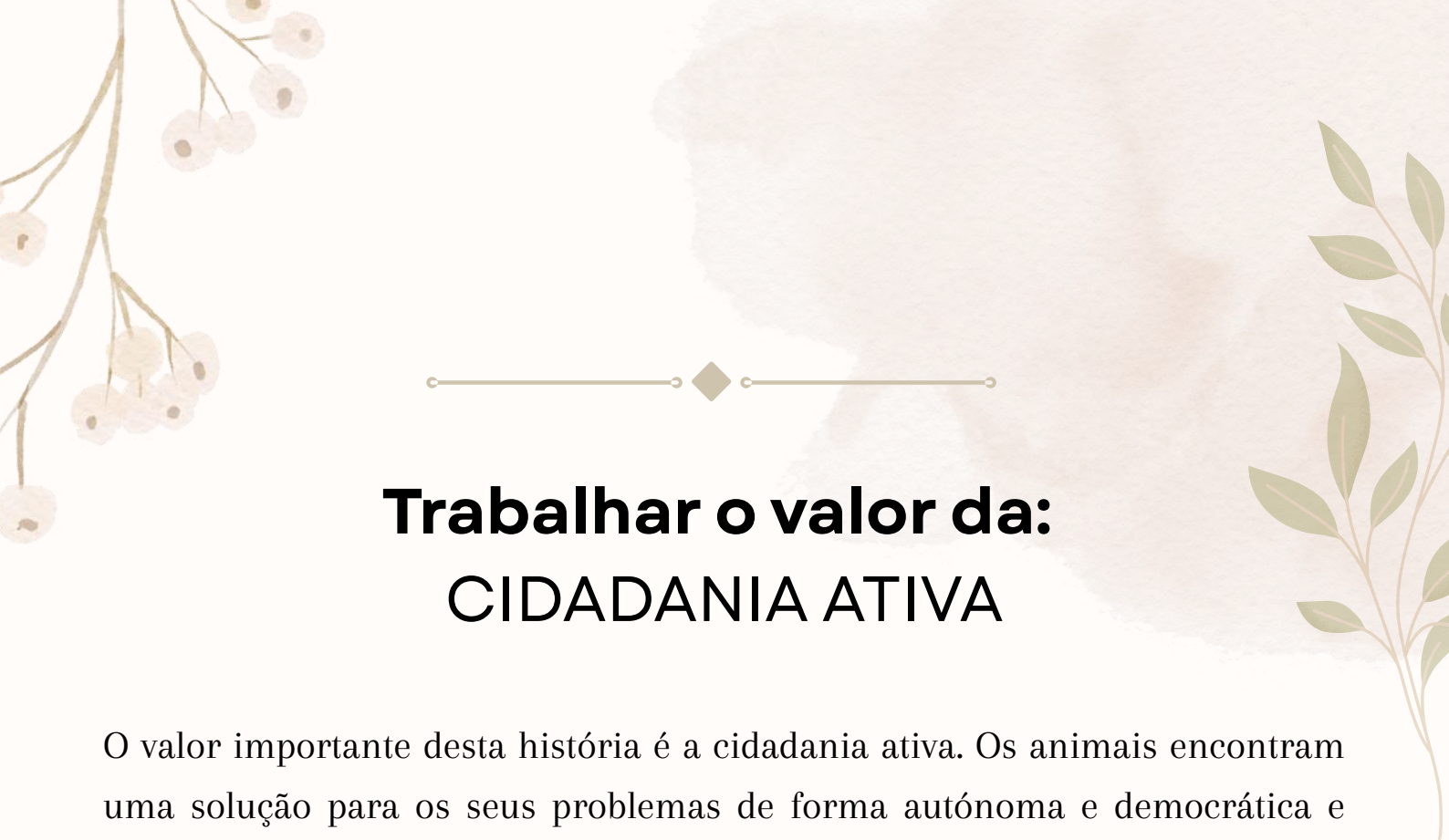
Passados meses, as crianças foram ter com os pais, apresentaram-lhes o Bobbi e descreveram-lhes tudo ao pormenor, como lhes tinha sido prometido na carta.

Mas um dia, assim que acordaram, não encontraram Bobbi na sua cama bem feita e verde. Ficaram preocupados. Depois viram uma carta. Era do Bobbi e dizia o seguinte

Meus queridos amigos, peço desculpa por não me ter despedido de vocês. Não se preocupem, voltarei dentro de alguns dias. Fui para o espaço para ver se o resto dos extraterrestres sobreviveram. Se quiseres conhecer-me, tenho uma máquina na nave espacial do teu tio. Tens de carregar no botão verde para apareceres à minha frente e no botão vermelho para voltares para casa. Eu também tenho uma.

A tua única amiga, Bobbi

Depois de a lerem, ficaram aliviados. Depois de contarem aos pais, foram à procura dele. Finalmente, o resto dos extraterrestres tinha desaparecido e Bobbi teve muita sorte por os seus amigos o terem levado dali. Regressaram à Terra e viveram para sempre sozinhos.



Trabalhar o valor da: **CIDADANIA ATIVA**

O valor importante desta história é a cidadania ativa. Os animais encontram uma solução para os seus problemas de forma autónoma e democrática e mantêm-se unidos.

“Os músicos da cidade de Bremen”

Era uma vez um moleiro que tinha um burro que carregava incansavelmente os sacos. Quando o burro envelheceu e já não podia fazer o trabalho, o moleiro quis levá-lo embora. Então o burro fugiu e decidiu ir para Bremen para ganhar a vida como músico da cidade. Passado pouco tempo, viu um cão de caça na berma da estrada, com falta de ar. O burro perguntou-lhe o que se passava. O cão disse que tinha ficado demasiado velho para caçar e que o seu dono queria bater-lhe até à morte. Ele tinha fugido, mas não sabia o que fazer agora. O burro disse: “Vou para Bremen para me tornar um músico da cidade. Vem comigo, eu toco o alaúde e tu bates os tímpanos”. O cão concordou e foi com ele.

Pouco depois, viram um gato sentado tristemente junto à estrada. A gata disse que era demasiado velha para apanhar ratos, por isso a mulher quis afogá-la. Depois fugiu, mas não sabia o que fazer. “Vai connosco para Bremen”, disse o burro, ‘tu sabes tocar música de noite, podes tornar-te um músico da cidade’. O gato foi com eles e depois passaram pelo portão de uma quinta, onde estava sentado um galo que gritava a plenos pulmões. Quando lhe perguntaram o que se passava com ele, o galo disse que devia ir para a sopa, por isso gritava o mais que podia. “É melhor vires connosco para Bremen. Encontrarás algo melhor do que a morte em qualquer lugar. Tens uma boa voz, vamos fazer música juntos”, disse o burro. O caminho para Bremen ainda era longo, por isso decidiram passar a noite na floresta. Quando o galo subiu a uma árvore, avistou uma luz ao longe. Os quatro jornaleiros foram ver e depararam-se com uma casa iluminada. O burro espreitou pela janela e viu uma mesa bem posta com um bando de ladrões sentados à volta.

Os animais decidiram expulsar os ladrões da casa. Para isso, o burro pôs-se de pé com as patas da frente no parapeito da janela, o cão subiu para as costas do burro, o gato para o cão e o galo para o gato. Todos começaram a sua música ao mesmo tempo: o burro zurrou, o cão ladrou, o gato miava e o galo cantava. Depois, irromperam pela janela que dava para a sala de estar, de tal modo que os vidros fizeram barulho. Os ladrões saltaram com o grito terrível, pensaram que um fantasma estava a entrar e fugiram para a floresta. Agora os quatro músicos podem comer até se fartarem. Depois apagaram a luz e adormeceram. O burro deitou-se no monte de estrume, o cão junto à porta, o gato junto ao fogão quente e o galo na viga do galo.

Quando os ladrões viram, à distância, que a casa estava às escuras, o capitão mandou um deles verificar. O ladrão encontrou tudo calmo e foi até ao fogão para acender o lume. Pensou que os olhos brilhantes do gato eram carvões e acendeu um fósforo. O gato sibilou e bateu-lhe na cara com as garras. O ladrão assustou-se e saiu a correr. À porta, o cão mordeu-lhe a perna e, quando atravessava o quintal a correr, passando pelo monte de estrume, o burro deu-lhe um coice. O ladrão correu o mais depressa que pôde para o seu capitão e disse: “Está uma bruxa em casa, ela assobiou para mim e arranhou-me a cara. Há um homem à porta com uma faca que me esfaqueou na perna. No pátio, um monstro negro bateu-me com um bastão de madeira. E o juiz gritou do telhado: “Tragam-me o malandro! E eu fugi”. A partir daí, os ladrões nunca mais se atreveram a ir lá a casa. Mas os quatro músicos gostaram tanto que ficaram por lá.





Trabalhar no valor da: CIDADANIA ATIVA

Esta história é um clássico e fala do valor da comunidade de cidadania ativa e da importância da honestidade e da confiança. Fala dos valores da sociedade e da importância das ações de cada um na sua comunidade e do impacto que as atitudes individuais têm no coletivo. A reescrita da história costuma ter versões semelhantes, mas com o cunho pessoal de cada participante.

“Pedro e o Lobo”

(versão portuguesa)

Era uma vez um rapaz chamado Pedro que vivia numa pequena aldeia perto de uma floresta. O trabalho do Pedro era tomar conta das ovelhas da aldeia, levando-as a pastar nos campos vizinhos. Não era um trabalho difícil, mas o Pedro achava-o bastante aborrecido. Passava o dia todo sozinho e, às vezes, achava divertido pregar uma partida aos habitantes da aldeia.

Um dia, enquanto as ovelhas pastavam calmamente, o Pedro decidiu gritar: “Lobo! Lobo! Vem aí um lobo!”

Os aldeões, preocupados com as suas ovelhas e com a segurança de Pedro, largaram tudo e correram para o campo para ajudar. Mas quando chegaram, não se via nenhum lobo. Pedro riu-se e disse: “Não há lobo nenhum! Estava só a brincar!”

Os aldeões não ficaram contentes. Disseram a Pedro que não voltasse a gritar “lobo”, a não ser que houvesse realmente perigo. Mas Pedro, divertido com a facilidade com que tinham acreditado nele, achou que era um truque engraçado. Alguns dias mais tarde, sentindo-se novamente aborrecido, Pedro gritou mais uma vez: “Lobo! Lobo!”

Mais uma vez, os aldeões vieram a correr, preocupados com o facto de um lobo estar prestes a atacar as ovelhas. E, mais uma vez, só encontraram o Pedro a rir-se deles. Desta vez, ficaram ainda mais zangados. “Não grites lobo se não for verdade!”, avisaram-no. Mas Pedro limitou-se a sorrir e voltou a olhar para as ovelhas.

Pouco tempo depois, um lobo verdadeiro apareceu na orla da floresta. Começou a aproximar-se das ovelhas, pronto a atacar. Pedro entrou em pânico e gritou: “Lobo! Lobo! Socorro, desta vez é mesmo um lobo!”

Mas desta vez, quando os aldeões o ouviram, não acreditaram nele. “Ele está só a pregar outra partida”, diziam uns aos outros. Ninguém veio ajudar.

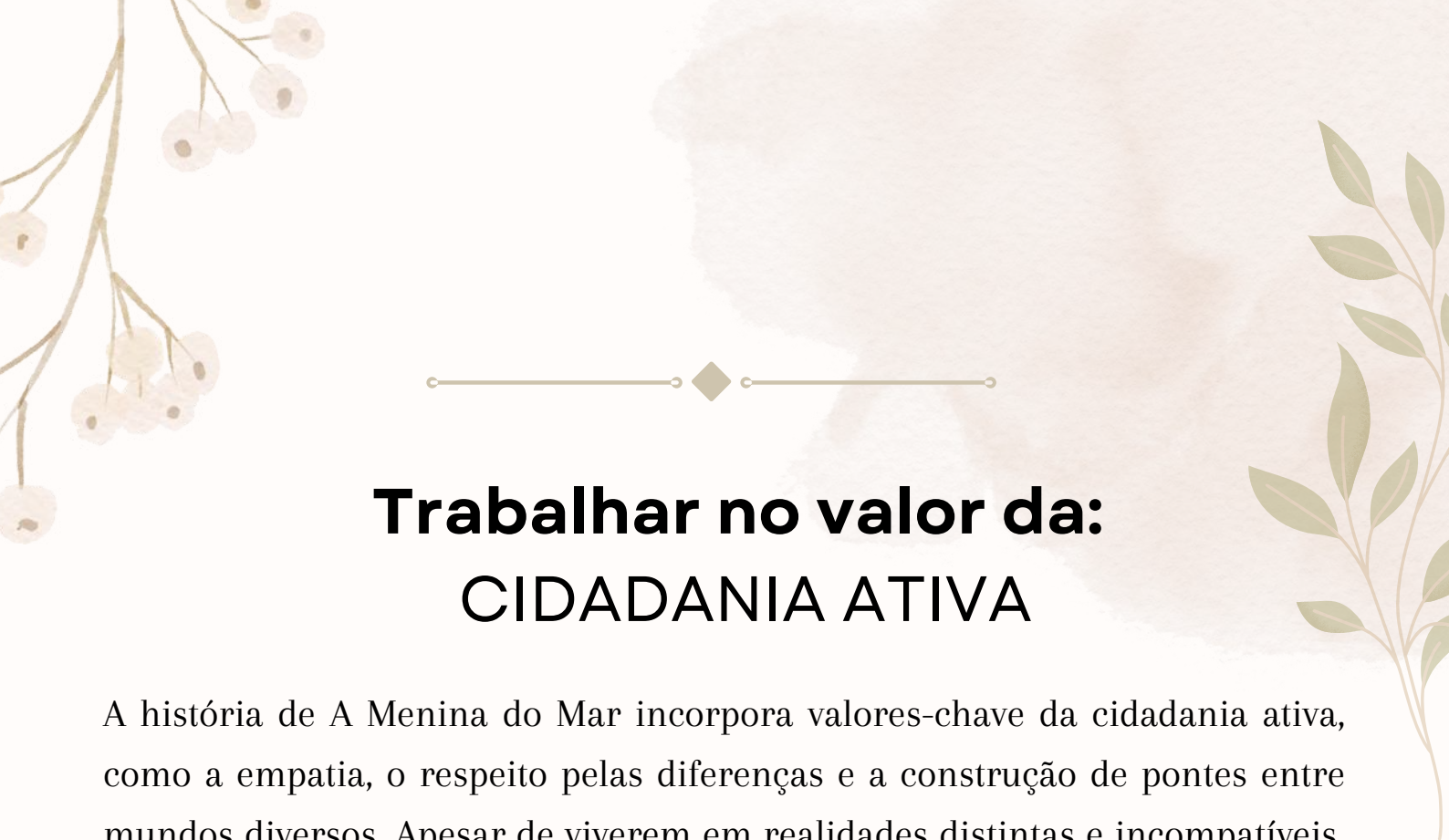
Pouco tempo depois, um lobo verdadeiro apareceu na orla da floresta. Começou a aproximar-se das ovelhas, pronto a atacar. Pedro entrou em pânico e gritou: “Lobo! Lobo! Socorro, desta vez é mesmo um lobo!”

Mas desta vez, quando os aldeões o ouviram, não acreditaram nele. “Ele está só a pregar outra partida”, diziam uns aos outros. Ninguém veio ajudar.

O lobo afugentou as ovelhas e Pedro não podia fazer nada para o impedir. Quando os aldeões finalmente saíram para o ir ver, viram que o lobo tinha levado algumas das ovelhas. Pedro, perturbado e envergonhado, disse: “Peço desculpa. Desta vez havia mesmo um lobo”.

Um dos aldeões abanou a cabeça e disse: “Ninguém acredita num mentiroso, mesmo quando está a dizer a verdade.”

A partir desse dia, Pedro aprendeu a lição. Nunca mais gritou “lobo”, a não ser que houvesse mesmo um lobo.



Trabalhar no valor da: CIDADANIA ATIVA

A história de A Menina do Mar incorpora valores-chave da cidadania ativa, como a empatia, o respeito pelas diferenças e a construção de pontes entre mundos diversos. Apesar de viverem em realidades distintas e incompatíveis, o rapaz e a Menina do Mar criam uma ligação baseada na compreensão mútua e na partilha de experiências. Esta abertura e aceitação realçam a importância de ouvir, aprender com os outros e trabalhar em conjunto para criar uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa.

“A Menina do Mar”

Num dia solarengo de verão, um rapaz caminhava sozinho pela praia. Ele adorava estar ali, com o som das ondas e o cheiro salgado do mar à sua volta. O mar estava calmo e o céu azul, com as gaivotas a planar tranquilamente por cima. Enquanto vagueava perto de algumas rochas, ouviu uma estranha e bela canção. Parecia mágica, quase como se o próprio mar estivesse a cantar.

Curioso, aproximou-se e escondeu-se atrás de uma rocha. Foi então que a viu. Uma pequena rapariga com cabelos dourados que brilhavam à luz do sol e olhos azuis brilhantes que brilhavam como as ondas. Dançava sobre uma rocha lisa, cantando a sua canção, enquanto três pequenos seres se moviam à sua volta. Um peixe saltava para trás e para a frente, um caranguejo andava desajeitadamente e um polvo batia palmas suavemente com os seus tentáculos macios. Parecia algo saído de um conto de fadas.

O rapaz ficou parado, a observar com admiração. Mas a rapariga reparou nele e parou. Por um momento, ficaram a olhar um para o outro, o único som era o das ondas a bater suavemente nas rochas. No início, a rapariga e os seus amigos pareciam inseguros em relação a ele, mas ela não conseguiu conter a sua curiosidade. Deu um passo em frente e perguntou: “Quem és tu? Porque é que estás aqui?”

O rapaz sorriu timidamente e disse que era apenas um rapaz que gostava de passear na praia. Disse-lhe que vivia perto, mas que muitas vezes se sentia sozinho porque não tinha ninguém com quem brincar. A rapariga ouviu, os seus olhos brilhantes suavizam-se. Percebeu que ele não era perigoso e logo começaram a conversar. Ela disse-lhe que era a Menina do Mar e que vivia no oceano com os seus três amigos.

A partir desse dia, o rapaz voltou à praia todos os dias para se encontrar com ela. Tornaram-se amigos íntimos, apesar de os seus mundos serem tão diferentes. O rapaz falava-lhe da vida em terra - das árvores altas que chegavam ao céu, das flores que enchiam o ar de aromas encantadores e dos pássaros que voavam alto e livres. Falou do sol quente e da relva fresca, onde gostava de se deitar e sonhar.

A rapariga ficou espantada. Nunca tinha imaginado como era o mundo fora do mar. Falou ao rapaz da sua casa debaixo de água, onde os recifes de coral brilhavam com cores, as plantas balançavam com as correntes e os peixes brilhavam como jóias. Falou de grutas submarinas onde a luz do sol fazia tudo parecer mágico. Ambos desejavam poder ver os mundos um do outro.

Um dia, a rapariga pediu ao rapaz que a levasse para terra, para que ela pudesse ver com os seus próprios olhos. O rapaz hesitou, sabendo que ela não estava destinada a sair da água. Mas o desejo dela era tão forte que ele concordou. Com cuidado, pegou nela e colocou-a na areia macia. A rapariga olhou em volta com admiração. Sentiu o sol a aquecer-lhe a pele, cheirou as plantas que ele lhe tinha trazido e passou os dedos pela areia.

Mas algo não estava bem. Lentamente, a rapariga começou a sentir-se mais fraca. A sua pele perdeu o brilho e ela esforçava-se por se manter acordada. Sem a água, estava a desvanecer-se. Os seus amigos do mar, que tinham estado a observar das ondas, gritaram para que o rapaz a levasse de volta para o mar. Em pânico, o rapaz carregou-a o mais depressa que pôde e colocou-a suavemente na água. Assim que as ondas a tocaram, ela voltou à vida. A sua cor regressou e a sua energia voltou a brilhar.

O rapaz ficou ali, triste mas compreensivo. Ambos se aperceberam que pertenciam a mundos diferentes e que não podiam estar juntos como tinham sonhado. Mesmo assim, a rapariga agradeceu-lhe por lhe ter mostrado um vislumbre da vida em terra, mesmo que por pouco tempo. O rapaz prometeu que nunca a esqueceria e que continuaria a vir à praia, onde poderia sentir a sua presença nas ondas e ouvir a sua canção ao vento.

A rapariga nadou de volta para o mar com os amigos, mas o rapaz sabia que ela estaria sempre presente de alguma forma. Sempre que olhava para o mar, conseguia imaginá-la a dançar e a cantar, tal como no dia em que a viu pela primeira vez.

E assim, a sua amizade perdurou, uma bela recordação que uniu dois mundos que nunca se poderiam encontrar totalmente.



Licença gratuita

O produto aqui desenvolvido como parte do projeto Erasmus+ “Stories for empowerment 2023-1-IT02-KA220-ADULT-000159380” foi desenvolvido com o apoio da Comissão Europeia e reflete exclusivamente a opinião do autor. A Comissão Europeia não é responsável pelo conteúdo dos documentos.

A publicação obtém a licença Creative Commons CC BY- NC SA.



Esta licença permite-lhe distribuir, remisturar, melhorar e desenvolver a obra, mas apenas de forma não comercial. Ao utilizar a obra, bem como extractos da mesma, deve:

1. Ser mencionada a fonte e uma hiperligação para a licença, bem como eventuais alterações. Os direitos de autor permanecem com os autores dos documentos.
2. A obra não pode ser utilizada para fins comerciais.
3. Se recompor, converter ou desenvolver a obra, as suas contribuições devem ser publicadas ao abrigo da mesma licença que a original.

Declaração de exoneração de responsabilidade

Financiado pela União Europeia. Os pontos de vista e opiniões expressos são, no entanto, da exclusiva responsabilidade do(s) autor(es) e não reflectem necessariamente os da União Europeia ou da Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura (EACEA). Nem a União Europeia nem a EACEA podem ser responsabilizadas pelas mesmas.